



EXISTE ALGO
PODRE NO
SISTEMA
FINANCEIRO
MUNDIAL.



OS ANALISTAS SÃO
UNÂNIMES EM FALAR DA
COMPLEXIDADE DOS
FATOS E SUAS IMPREVI-
SÍVEIS CONSEQÜÊNCIAS.



MAS TODOS CONCORDAM
QUE A RAIZ DA CRISE
ESTÁ NUMA COMBINAÇÃO
DANOSA DE GASTANÇA
COM GANÂNCIA.



O FATO É QUE ESSE MODELO FI-
NANCEIRO SEM REGRAS CLARAS E
PAUTADO NUMA ENTIDADE SEM ROSTO
CHAMADA LIVRE MERCADO, NÃO ESTÁ
DANDO CONTA DAS ECONOMIAS.



CAOS E EUFORIA Existe algo podre no sistema financeiro mundial. Desde o dia 8 de setembro, o assunto em pauta é a crise financeira americana e seus desdobramentos mundo afora. Os jornais são fartos em títulos e matérias sobre o assunto: “Crise externa quebra ritmos de investimentos”; “Do caos à euforia”; “Resgate financeiro nos EUA custará US\$ 700 bilhões”; “EUA preparam plano bilionário”; “Mais de US\$ 200 bi pelo ralo no país”; “Pacote dos EUA levanta mercados globais”; “Temporada de furacões”; “O mundo em pânico”; “Crise já atinge o crédito no Brasil”; “Crédito externo encarece e diminui”. As chamadas sensacionalistas revelam a gravidade da situação. Não é a primeira vez. O final dos anos 90 e o início do século XXI foram crivados por crises, bolhas, quedas e uma quebraadeira geral das economias globalizadas.

RAIZ DA CRISE Os analistas são unânimes em falar da complexidade dos fatos e suas imprevisíveis conseqüências. Mas todos concordam que a raiz da crise está numa combinação danosa de gastança com ganância. Reza a cartilha do bom senso que quem gasta mais do que arrecada deve o que não tem. Diz o manual das virtudes que a ganância é um sentimento humano negativo que se caracteriza pela vontade de possuir somente para si próprio tudo o que existe. Não restam dúvidas de que essa mistura de irresponsabilidade com egoísmo só poderia culminar em perdas, crise e caos.

CHICAGO BOYS A presidente da *Ethical Markets Media*, Hazel Henderson, em artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo* (21/9/2008), chama atenção para os efeitos danosos da famosa escola de economia da Universidade de Chicago, chefiada por Milton Friedman. Segundo a senhora Hazel, a escola do senhor Friedman “(...) espalhou pelo mundo seu fundamentalismo de mercado: ganância, egoísmo, individualismo e curto-prazismo, tudo misturado com liberdade e democracia e elevados à condição de filosofia moral”. Ela afirma ainda que “(...) os Chicago Boys deflagraram as eras Thatcher e o Consenso de Washington da desregulamentação, com a privatização impulsionando a forma atual de globalização”.

MÃO INVISÍVEL Na visão do ex-primeiro-ministro da Espanha Felipe Gonzáles, a crise financeira atual encerra a crença de que o mercado resolve tudo. Ele diz também que “(...) a globalização do sistema financeiro revela problemas de governança que fogem da capacidade dos poderes estabelecidos no velho Estado-Nação e nos organismos internacionais tradicionais”. Segundo Felipe Gonzáles, “(...) Estamos fazendo do mercado uma coisa que ele não é. Uma espécie de regime que vai além da economia de mercado para chegar a uma sociedade de mercado cada vez mais global e pretensamente auto-regulada pela mão invisível”.

ALÉM DA IMAGINAÇÃO Entre as dezenas de matérias e artigos publicados, chama a atenção o texto do comentarista econômico

do jornal britânico *The Times*, Anatole Kaletsky onde ele afirma que: “(...) Ninguém poderia imaginar que antes de o mês terminar, a administração Bush teria nacionalizado a maior companhia de seguros do mundo, dois dos quatro maiores bancos de investimentos globais estariam acabados e o governo americano assumiria a responsabilidade por três quartos dos novos empréstimos hipotecários do país”.

ASTÚCIA OU INCOMPETÊNCIA Para Kaletsky, o secretário do Tesouro americano, Henry Paulson, “(...) em vez de usar o poder de fogo financeiro ilimitado de seu governo para defender o sistema financeiro, virou a arma contra seu próprio lado, liquidando investidores de longo prazo que tentavam escorar importantes instituições financeiras, enquanto premiava especuladores que tentavam derrubá-las”. Anatole Kaletsky arremata afirmando: “(...) os próximos dias revelarão se é astúcia ou incompetência a explicação para a estratégia aparentemente suicida de Paulson”.

DEMISSÕES EM MASSA A revista *Época* (22/9/2008) comenta um aspecto curioso desse colapso ao chamar a atenção para o fato de que esta primeira crise financeira da era da Internet, não produziu filas em porta de bancos. As pessoas movimentaram suas contas sem sair de casa, pelo mouse do computador. Porém, seus efeitos sobre o emprego só poderão ser calculados nos próximos meses. As primeiras notícias dão conta de demissões em massa na Índia, onde os bancos americanos mantinham milhares de empregados de baixo salário e serviços de primeira pela Internet.

CONSUMO E DÍVIDA O jornalista Paulo Moreira Leite, em artigo para *Época* (22/9/2008), escreve que a crise financeira americana pode ser descrita “(...) como uma aliança entre a ganância de empresários privados e a covardia irresponsável de homens públicos”. Moreira Leite diz ainda que “(...) boa parte dos 300 milhões de americanos vive acima de seus próprios meios ... nos EUA o consumidor gasta tudo aquilo que consegue transformar em dívida (...) na década de 40 a maioria das famílias americanas poupava 22% de sua receita. Hoje as dívidas respondem por 24% da renda familiar”.

ACABAR COM A JOGATINA O fato é que esse modelo financeiro sem regras claras e pautado numa entidade sem rosto chamada livre mercado, não está dando conta das economias. Além disso, tem promovido prejuízos enormes tanto para as nações ricas quanto para as emergentes. Já é tempo de se pensar um sistema menos vulnerável e acabar com esta jogatina com o dinheiro e a vida dos outros. Fico com o ex-primeiro-ministro Felipe Gonzáles, que diz: “(...) é tempo de encontrar um papel para a política com P maiúsculo, capaz de tornar mais previsível a evolução futura desse mercado global”.